

## ENTREVISTA

Paula Parisot

# “Saber que posso me matar é algo que me agrada”

Paula Parisot fala da obsessão pela morte em seu romance de estreia *Gonzos e parafusos*, da sua saída da Cia. das Letras e da amizade com o seu “mentor” Rubem Fonseca

DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Talles Colatino**

**Com um lápis em punho**, os primeiros traços profissionais de Paula Parisot não formaram palavras, mas sim desenhos. Deles nasceram bolsas de tecido emborrachado italiano, cintos de macramê dourado, colares com pingentes de chifre de boi.... Objetos que se unem para alimentar o discurso fetichista, senha primordial para a compreensão da lógica do design de moda, o universo que projetou o nome da jovem designer carioca.

O flerte de Paula Parisot com a literatura se deu através de um cupido de marca maior que qualquer grife criada por ela: Rubem Fonseca. Leitora ávida de sua obra, ela encontrou Rubem numa padaria do Leblon. Parisot o abordou, pediu para

que lesse um livro que ela estava escrevendo. O resultado do incentivo dado não poderia ser mais rentável: ela estreou na literatura em 2007, com a coletânea de contos *A dama da solidão*, editado pela Companhia das Letras. Curiosamente, na época, a mesma editora de seu “mestre”.

Como os produtos que desenha, a literatura produzida por Parisot reflete fetiches que contornam as obsessões do comportamento humano. Foi assim com os contos de teor erótico de *A dama da solidão* e com seu primeiro romance, *Gonzos e parafusos*, editado pela Leya, no qual a escritora toma como desafio administrar a loucura e obsessão suicida de Isabela. A personagem é uma psicanalista que reflete – mais uma vez, obsessivamente – sua imagem na figura da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt, famosa pintura do aus-

tríaco Gustav Klint. Em março, Paula Parisot foi protagonista de uma performance, que culminou no lançamento do livro. Passou sete dias confinada numa caixa de acrílico de 3 por 4 metros quadrados na Livraria da Vila, em São Paulo, travestida como a tal baronesa e sendo alimentada por parente e amigos, entre eles, Rubem Fonseca. Sobre sua trajetória, o novo livro, a performance, Rubem Fonseca, e, claro, obsessões, a escritora conversou com o **Pernambuco**.

**Existe relação entre processo de criação literária e o design? Escrever um romance ou um conto, em algum ponto, se assemelha a produzir um desenho?**  
Sinto o desenho e a escrita de formas diferentes, logo são processos distintos. Escrevo para tentar entender o que penso e desenho porque ao desenhar paro de pensar, fico no vácuo e a partir desse vazio descubro muitas coisas, coisas que depois posso até vir a escrever sobre elas.

**Você possui mestrado em belas-artes e sua produção, inclusive em alguns contos de *A dama da solidão*, faz sempre referência às artes plásticas. Além de ter projetado um momento do seu romance *Gonzos e parafusos* para uma performance. Podemos esperar que essa relação estreita com as artes visuais seja sempre uma companheira na sua trajetória literária? Seria uma das suas obsessões?**  
Creio que sim, mas não diria que isso é uma obsessão e sim a forma que encontro para me expressar.

**Os contos de *A dama da solidão* aliam a temática sexual à construção de uma panorama amplo das relações humanas e suas peculiaridades. É, sobretudo, um livro sobre desejo, em suas diversas formas. Em *Gonzos e parafusos*, esse desejo**

“Escrevo para tentar entender o que penso e desenho porque ao desenhar paro de pensar, e no vácuo descubro muitas coisas

está refletido na obsessão da personagem Isabela pela morte. Como nasceu a ideia de repensar o desejo a partir dessa visão, tão obscura quanto definitiva, que é a de uma suicida?

Saber que posso me matar me agrada. É libertador saber que tenho o poder para acabar com a minha vida, que posso deixar de existir se eu desejar. Se estou viva é porque quero.

Isabela é psicanalista e recorre sempre a citações freudianas para analisar a sua vida e a de seus pacientes. Como você se aproximou da psicanálise para construir a personagem?

Pesquisando, estudando. Li muito, Lacan, Jung e principalmente Freud, de quem li todos os artigos. Além disso, contei com a ajuda de uma grande amiga, a psicanalista Sônia Nassim. Faço psicanálise individual há anos e isso evidentemente também me ajudou na construção do *Gonzos e parafusos*.

Como se deu sua saída da Companhia das Letras e chegada na Leya?

A Companhia das Letras sugeriu mudanças no meu romance *Gonzos e parafusos* das quais eu discordava, conquanto eu reconheça que a Cia. da Letras tem excelentes editores. Então, visto que eu não estava disposta a fazer tais alterações, procurei duas outras editoras, a Cosac Naify e a Leya. As duas se interessaram pelo *Gonzos e parafusos*, mas eu optei pela Leya. O Pascoal Soto (da Leya) é um excelente diretor editorial, que acreditou no meu livro e também na performance. No entanto, eu devo muito a Companhia das Letras, ela lançou o meu primeiro livro e é uma editora em todos os aspectos digna dos maiores elogios.

Como você avalia sua primeira incursão no romance? Possui predileção por um gênero?

Escrever *Gonzos e parafusos*, meu primeiro romance, foi desafiador porque descobri que eu precisava de um fôlego que o meu primeiro livro, por ser de contos, não me exigiu. O romance requer muita disciplina e persistência. É como fazer um bolo, você não pode parar de mexer senão desanda. Na hora de escrever não tenho predileção por um gênero, mas como leitora o que mais me dá prazer é a poesia.

Muito se especula sobre sua relação pessoal com Rubem Fonseca, mas pouco se fala sobre a entrada dele na sua vida e a influência dele na sua literatura. Qual a importância dele para sua vida?

Não sei responder isso até porque o Rubem significa diferentes coisas para mim e a importância dele na minha vida pessoal e literária é muito grande.

Em que momento julgou a performance necessária para a ocasião do lançamento de *Gonzos e Parafusos*? Qual era o objetivo dela?

Não é necessário fazer performance para lançar livro, o livro se basta. A literatura se basta. A minha performance não foi necessária para o lançamento do *Gonzos e parafusos*, foi uma necessidade minha. Sabe, escrever um livro é surgir do nada, você tem que criar algo, por menor que seja, e seguir escrevendo, mesmo que não saiba para onde está indo. É como na vida, você tem que se inventar todos os dias e seguir vivendo. Talvez por isso eu tenha feito a performance, porque performance é arte viva, é a vida ritualizada, com o que há de mais significativo. Creio que a performance nasceu da necessidade de eu me unir, eu, em carne e osso, com a história que inventei. Como se eu pudesse fundir ficção e realidade. O livro tem algo de eterno que me desagrada. Entenda, não é o livro em si que me

desagrada, amo livros. Pensar que o livro permanece, que fica para posteridade ainda que ninguém o leia, isso sim causa em mim certo estranhamento. Eu quero o agora, a presença física, quero aceitar a minha efemeridade, a minha falta de significado, a minha falta de respostas, eu como qualquer outro estou desamparada. E eu, na performance, sendo eu e sendo a autora e sendo a Isabela e a baronesa e a menina, sou muitas e sou também aquele que vem me ver, porque se eu estou ali, de verdade, para o outro, me desapego de mim, perco a minha identidade. Eu, a partir desse ritual, me uno ao universo.

Esse objetivo foi alcançado?

Não sei, mas acho que sim. Durante os sete dias que fiquei dentro da morada de acrílico descobri que todas as regras da performance (como se sabe a arte performática exige regras) proporcionavam a união entre o universo da ficção, o romance, e a realidade. A Isabela, na minha opinião, não é uma louca, é uma pessoa como outra qualquer, que precisa administrar a loucura para continuar vivendo. Ela quer ser cuidada, quer ser amada, se sente ignorada e esquecida, pelo pai, pela mãe, pelas avós, pelo amante, pelos amigos. É como se a Isabela não existisse para ela. E talvez o meu ponto em comum com a Isabela seja justamente a inexistência. Olho-me no espelho e não vejo nada, é como se eu não tivesse um rosto, uma identidade e por isso, com facilidade, posso confundir-me no outro, porque me perdi de mim. A Isabela sou eu e eu me transcendo ao criá-la. Concordo com Brodsky que disse que “a biografia de um escritor é a sua obra”. Quando escrevo me exponho e quando faço uma performance, me exponho ainda mais, me exponho ao outro, me exponho a mim. Dentro da livraria foi construída

“Faço psicanálise individual há anos e isso também me ajudou no processo de construção do *Gonzos e parafusos*

uma morada e dentro da morada havia uma autora e a sua personagem, e existia ainda a fantasia delas. Um mundo inteiro dentro de uma livraria, os livros e a morada, eu junto com a minha personagem voltei para o quarto dentro de uma biblioteca, como aconteceu no passado comigo e com a Isabela. Um universo dentro do outro. Eu vestida de branco dentro de um quarto igual ao que eu descrevo no meu romance. Porém, esse quarto é construído no meio de uma livraria, um buraco branco no meio dos livros. E entre mim de branco, o buraco branco e os livros, surgiam os outros, pessoas que entravam na livraria e se deparavam comigo. Eu via cada um como jamais havia visto, pois eu, sem que eles soubessem, estava escondida no meu buraco, protegida, sendo alimentada por aqueles que eu escolhi para cuidarem de mim. O que existia naquele quarto de acrílico? Como diz o subtítulo da performance “uma morada para a Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt, para a Menina em Pé Nua de Cabelo Preto, para Isabela e para autora”, e lá realmente estávamos todas nós, uma sobrevivendo à outra. Porém, à medida que os dias passavam eu percebia que eu era eu e era também um espelho. Antes de ser vista eu via.

O que sentiu quando viu o Rubem Fonseca, sempre tão recluso, lá, durante a performance? Felicidade.

Passou pela sua cabeça que a performance poderia soar à crítica mais como uma estratégia de marketing do que como expressão artística? Isso não é problema meu.

A atenção que você obteve com essa ação nos leva a refletir sobre as formas de divulgação atual da literatura. Como você analisa o contato da literatura

com outras mídias e com o mercado poderia trabalhar melhor a divulgação do que é produzido hoje em dia?

Não sei lhe responder. A única coisa que posso dizer, e não me refiro à mídia ou divulgação, mas as formas de expressão artística, é que a performance e a literatura assim como a música, a pintura, o teatro etc, são meios de expressão, agora a relação entre eles quem dá é o artista. Eu criei esse elo entre a literatura e a performance porque senti necessidade e devo confessar que fiquei surpresa com a repercussão. No entanto, estou satisfeita porque se falaram tanto, de forma tão extrema, é porque tirei muita gente da zona de conforto, fiz as pessoas pensarem. Por que um escritor não pode fazer uma performance? Por que isso parece tão estranho?

Durante o confinamento, você levou um caderno para cada dia, para registrar suas experiências. Pretende lançar esse material de alguma forma?

Pretendemos lançar um livro intitulado *Parafusos sobressalentes* com os desenhos e escritos que fiz, nas paredes da morada de acrílico e em cadernos, durante a performance.

Você divide com Fernanda Young a capa da edição de maio do jornal *Rascunho*, com a manchete “Muita pose, pouca literatura”. Nessa edição, seu livro é julgado como um “romance de afetação” que “desfila erudição que em nada ajuda a compreender a obra”. Como você defenderia seu trabalho diante dessas críticas? Eu não discuto a opinião dos críticos.

Está trabalhando em algum título novo?

Estou trabalhando em um novo romance ainda sem título que é narrado por um homem, na primeira pessoa.